

OMNIA SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

LEITE, Juliana de Almeida; RUMIN, Cassiano Ricardo. A escrita de Georg Groddeck e a experiência do leitor. *Omnia Saúde*, v.11, n.2, p.90-101, 2014.

ISSN versão Online 2236-188X
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 10/06/2014
Revisado em: 07/12/2014
Aceito em: 19/12/2014

A ESCRITA DE GEORG GRODDECK E A EXPERIÊNCIA DO LEITOR

WRITING OF GEORG GRODDECK AND EXPERIENCE THE READER

Juliana de Almeida Leite
Psicóloga (FAI)

Cassiano Ricardo Rumin
Psicólogo (UNESP)
Mestre em Ciências Médicas (FMRP/USP)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar as concepções de Georg Groddeck que fundamentam a constituição das escolas de psicossomática. Foi empregada a revisão bibliográfica narrativa como meio de descrever as construções teóricas de Georg Groddeck. Os resultados indicam que a leitura de Groddeck propicia o estabelecimento de ambiências que mobilizam cadeias associativas. O leitor não se posiciona passivamente frente as comunicações de Groddeck, pois, no mergulho em sua história, o leitor assevera o contato com seus afetos recalçados e cria-se um campo transferencial. Conclui-se que o contato com elementos recalçados produz algo distinto do que é o texto de Groddeck e a consciência do leitor: amplia a capacidade de experimentar associações sugestivas da própria realidade psíquica. Com a experiência transferencial do terceiro analítico, Groddeck fomenta um instrumental associativo sediado em seu leitor.

Palavras-chave: Psicossomática; Ambiências; Terceiro Analítico.

ABSTRACT

This paper aims to present Georg Groddeck conceptions that underlie the formation of psychosomatic schools. It used the narrative bibliographical review as a means of describing the theoretical constructs of Georg Groddeck . The results indicate that the reading Groddeck provides ambiance of the establishment mobilize associative chains . The reader is not positioned opposite the passively Groddeck communications, because in diving in its history, the reader asserts contact with their repressed emotions and creates one transference field. It was concluded that contact with repressed elements produces something other than what is the text of Groddeck and the reader's consciousness: expands the ability to experience the suggestive associations own psychic reality. With the transference experience of the analytic third , Groddeck fosters an associative instrumental based on your player.

Keywords: Psychosomatic; Ambiences; Analytic-third

INTRODUÇÃO

Alguns caminhos de desenvolvimento da psicossomática

As doenças psicossomáticas são consideradas como um elemento confuso tanto na clínica médica quanto na psicanalítica. Com etiologias incertas, invadem o corpo do indivíduo e atingem os órgãos, acrescentando um prognóstico muitas vezes sombrio (LEITE, FREIRE, PEREIRA, ASSADI, 2003).

Alguns autores como Fontes Neto et al. (2006) afirmam que a angústia é considerada a principal origem de todos os nossos sintomas. A grande questão é: qual sintoma representará melhor uma tentativa de cura de si mesmo? Frente a esta questão, internamente, cada indivíduo poderá criar uma forma de apresentação desta tentativa. Uns talvez desenvolvam neuroses, outros delírios, ou quem sabe doenças psicossomáticas. As manifestações psicossomáticas podem ser compreendidas como uma dificuldade de simbolização e verbalização dos sentimentos.

Georg Groddeck (1991a) considerava que toda doença tem um sentido e não é fruto do acaso; que é uma tentativa de enfrentamento para os conflitos que pontuam cada ser humano. A saúde seria responsabilidade de cada um e ao médico competiria, tratá-la, e não curá-la criando assim, em colaboração com o paciente, condições adequadas de saúde (CASTRO, ANDRADE, MULLER, 2006).

Classicamente, psicossomático é definido como todo distúrbio somático que comporta em seu determinismo um fator psicológico interveniente, não de modo contingente, como pode ocorrer com qualquer afecção, mas por uma contribuição essencial à gênese da doença. Nesta perspectiva estabeleceu-se o movimento psicossomático consolidado por Alexander que criou a Escola de Chicago. Esta se centrava na gênese inconsciente das enfermidades, abrangendo a investigação de doenças como úlcera péptica, colite ulcerativa, neurodermatite, artrite reumatóide, hipertensão arterial e tireotoxicose. Isso resultou na formulação da hipótese da especificidade psicossomática, segundo a qual haveria o pareamento de conflitos específicos, no sentido psicanalítico do termo, com algumas modificações fisiológicas (CASTRO, ANDRADE, MULLER, 2006).

Diversos psicanalistas franceses se organizaram com o intuito de delinear uma nova via de formação das manifestações corporais do sofrimento emocional, liderados por Pierre Marty. Entendiam que pacientes somáticos se caracterizam por um modo de funcionamento psíquico distinto daquele apresentado por neuróticos e psicóticos. Ademais, postulavam que as doenças orgânicas devem ser analisadas a partir de uma perspectiva de continuidade evolutiva e funcional entre o corpo anatômico e o corpo erógeno (PERES, 2006).

Marty (1998 apud Peres, 2006) salienta que pacientes somáticos geralmente estabelecem vínculos afetivos pouco significativos e sustentam relacionamentos superficiais. Não obstante, em contraste com o que se observa nos casos de neurose obsessiva, essa tendência se deve a uma importante restrição da capacidade de simbolização que os acomete. A propensão ao distanciamento e à manutenção de "relações brancas", portanto, se encontra

associada às identificações esquemáticas que são estabelecidas pelos indivíduos em pauta devido à escassez de seus investimentos libidinais.

Marty e Loriod (2001) afirmam a historicização do indivíduo pelos investimentos libidinais como se apresenta a seguir:

“A história corporal, somática, de um indivíduo, não pode estar dissociada da sua história afetiva, sob pena de ser reduzida a lembranças superficiais, de ordem sensorial e motora, restituída como uma série de fatos anteriores transcritos na atualidade (...) Para que uma história se corporize é preciso não apenas que ela tenha afligido o inconsciente do indivíduo (...) mas que ela tenha possibilitado, no momento dos primeiros acontecimentos, cadeias de representações pré-conscientes, sensoriais, perceptivas, verbais de diferentes tipos. É preciso também que ela possa dar lugar à evocação dessas mesmas cadeias, pelo menos quando se trata de sua lembrança, e mesmo da sua relação verbal. Entretanto, a lembrança e relação verbal necessitam, assim como o registro inicial, de um apoio pulsional. Ou seja, não existe história (...) quando não há acesso pulsional aos sintomas de representações pré-consciente” (MARTY e LORIOD, 2001 p.209-210).

Segundo Joyce McDougall (2001), pacientes somáticos geralmente tem capacidade diminuída para elaborar afetos potencialmente desestruturantes. Em função disso, utilizam estratégias defensivas arcaicas para evitar a manifestação de mobilizações emocionais que podem fugir a seu controle. As formações defensivas são adotadas de forma inconsciente e envolvem a exclusão de representações carregadas de sentimentos intoleráveis. Conforme as concepções de Joyce McDougall, todos têm tendência a somatizar toda vez que as circunstâncias internas ou externas ultrapassam as estratégias psicológicas de resistência habituais (FONTES NETO et al. 2006).

O paciente encontra na doença uma forma de existir, de se fazer presente. Muitas vezes vê esse corpo sofredor como sua identidade, sua forma de se proteger do outro e até de si mesmo; um corpo sofredor é um corpo com vida. As doenças psicossomáticas podem representar uma luta para a sobrevivência psíquica, uma forma de afastar o perigo implícito em um desejo primitivo (MCDUGALL, 2001).

Cain (2001) reafirma a noção do sintoma como forma de proteção do indivíduo de um elemento destrutivo inconsciente:

“A psicossomática é talvez o melhor exemplo do perigo que existe em tornar lógico o que permanece de todos os modos, ilógico no inconsciente. É somente na enumeração das associações que reside a verdade do indivíduo: a sua sistematização é uma elaboração secundária que falseia completamente o sentido dando a impressão de lhe atribuir um [sentido] (...) e é nesse jogo de erotização do olhar em direção à coisa dissimulada que apareceu o seu sintoma físico” (CAIN, 2001 p.254).

A criação da Psicossomática e seu expoente máximo

Groddeck constituiu suas hipóteses principalmente a partir de suas experiências como médico. Segundo o autor não existem doenças orgânicas ou doenças psíquicas, pois corpo e psiquê adoecem simultaneamente; a expressão psicossomática remete não a um estado, mas a uma essência, a do ser humano (VOLICH, 2000).

No livro *O Homem e seu Isso* (1994) de Georg Groddeck encontram-se as cartas trocadas por ele e Freud no período de 1917 a 1934, onde é possível notar que Freud faz algumas oposições à forma como Groddeck escreve suas concepções psicossomáticas, nomeando-as como uma forma mística.

Em suas cartas Groddeck apresenta ideias e construções teóricas onde recusa-se a separar doenças do corpo e doenças psíquicas, procura abordar o ser individual em si, o Isso que existe nele. Relata que procurou um caminho que levasse ao impenetrado, ao impenetrável e sendo assim reconhece estar próximo das fronteiras do místico. Groddeck deixa claro que se considera aluno de Freud, embora originariamente tenha chegado à psicanálise por outros caminhos e não seus textos.

Em uma das cartas que Freud direciona a Groddeck ele pergunta: “Por que o Sr se precipita, a partir de sua bela base no misticismo, porque elimina a diferença entre o espiritual e o corporal, se apegando a teorias filosóficas que não tem propósito?” (GRODDECK, 1994, p.10).

Como resposta Groddeck escreve:

“O fato de nesse processo, se confundirem para mim as fronteiras entre a ciência e a mística, bem como aquelas entre o corpo e a alma, não considero nenhuma desgraça, pelo menos não para mim, porque isso me diverte, nem para meus doentes, porque a eles ajudo bem ou mal, como os outros médicos e para o curso do mundo não me considero importante” (GRODDECK, 1994, p.13).

Freud reconhece o trabalho de Groddeck, o ajuda nas publicações, mas sempre lhe dá dicas da forma como este escreve, pede para ele rever seus artigos, exterminar o que possa causar escândalo, ter cuidado com as palavras, com a forma de escrever. Em uma de suas cartas Groddeck diz a Freud: assim “como o seu elogio vivifica, a sua censura mata” (GRODDECK, 1994, p.75).

Em virtude desta discussão sobre a escrita de Groddeck, este trabalho dedica-se a análise do conteúdo presente em suas obras para que se possa compreender suas concepções sobre a psicossomática.

OBJETIVO

Apresentar as concepções de Georg Groddeck que fundamentam a constituição das escolas de psicossomática

METODOLOGIA

Foi empregada a revisão bibliográfica narrativa como meio de descrever as construções teóricas de Georg Groddeck.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estilo de escrita de alguns autores: paralelos entre Freud, Klein e Groddeck

A leitura de obras referentes ao campo teórico denominado Psicanálise, encontra distintas conformações. Entre estas pode-se observar a construção do texto freudiano escrito em terceira pessoa e sistematicamente apresentando uma revisão bibliográfica da temática investigada. Em Freud nota-se um estilo de escrita que mantém o leitor conscientemente ligado ao discurso do autor e buscando construir uma linha de raciocínio que convença o leitor das hipóteses que Freud cria para o agravo a saúde mental.

Como exemplo toma-se o caso Schreber onde Freud apresenta a sua interpretação a partir de um relato autobiográfico:

“Talvez me seja permitido acrescentar umas poucas palavras, com vistas a estabelecer as causas deste conflito que irrompeu em relação à fantasia feminina de desejo. Como sabemos, quando uma fantasia feminina de desejo aparece, nossa tarefa é associá-la com alguma *frustração*, alguma privação na vida real. Ora, Schreber admite haver sofrido privação deste tipo. Seu casamento, que descreve como feliz, sob outros aspectos, não lhe deu filhos; e, em particular, não lhe trouxe filho homem que poderia tê-lo consolado da perda do pai e do irmão e sobre quem poderia ter drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas. Sua linha familiar ameaçava perecer e parece que ele sentia bastante orgulho de seu nascimento e linhagem: ‘Tanto os Flechsigs quanto os Schrebers eram membros da “mais alta nobreza do Céu”, como diz a expressão. Os Schrebers, em particular, portavam o título de “Margraves da Toscana e Tasmânia”; pois as almas, instigadas por algum tipo de vaidade pessoal, têm o costume de adornar-se com títulos um tanto antissonantes, tomados de empréstimos a este mundo.’ O grande Napoleão obteve divórcio de Josefina (embora somente após graves lutas internas) porque ela não poderia propagar a dinastia. O Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso; e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentaria nos primeiros anos de sua infância. Se assim fosse, então o delírio de que, por causa de sua emasculação, o mundo se povoaria de ‘uma nova raça de homens nascidos no espírito de Schreber’ - delírio cuja realização continuamente adiava para um futuro cada vez mais remoto - teria também a intenção de oferecer-lhe uma saída para sua falta de filhos. Se os ‘homenzinhos’ que o próprio Schreber acha tão enigmáticos fossem crianças, então não teríamos dificuldade em compreender por que se achavam reunidos em tão grande número em sua cabeça: eles eram, verdadeiramente, os ‘filhos de seu espírito’ (FREUD, 1996 p.65).

Entretanto, não se deve desconsiderar que “os significados descobertos no texto, ou melhor, através do texto, surgirão de recortes específicos, cuja determinação obedece tanto a subjetividade de quem lê quanto ao movimento do próprio texto (MEZAN, 1998, p. 141). Desta forma Klein adota um estilo de comunicação científica em psicanálise que dialoga com o leitor na primeira pessoa do singular. Apresenta a intimidade de suas experiências contratransferências e relata os ínfimos detalhes subjetivos que se produzem no setting analítico.

Mezan (1998, p.141) ilustra esta concepção de comunicação científica ao afirmar:

“Mas ele [Psicanalista] sabe que seu principal instrumento de compreensão e teorização flutuante são suas próprias reações ao material, por esta razão, o encontro do psicanalista e do texto (...) será fecundo unicamente se o psicanalista se despir de qualquer pretensão à objetividade, se entendermos por objetividade o que resulta da supressão da subjetividade”.

Em Klein o leitor é impelido a divagar por campos distintos da experiência consciente. Talvez por tentar comunicar aos seus leitores o seu trabalho de transformação de afetos em símbolos que podem ser apreendidos pelo seus analisandos, a autora permite aos leitores vivenciar o contato com o conteúdo simbolizado e buscar lançá-los em um campo consciente onde possam ser articulados ao que o leitor reconhece como seu self.

De acordo com Segal (1991, p.170) “a formação de símbolos é uma atividade do ego tentando lidar com as ansiedades mobilizadas pela sua relação com o objeto”. Estas ansiedades mobilizadas pela experiência analítica descrita por Klein, podem ser livremente usadas pelo leitor, pois “há uma formação constante e livre de símbolos, mediante os quais elas podem estar conscientemente a par e acompanhando as expressões simbólicas das fantasias primitivas subjacentes” (Segal, 1991 p.176).

A mobilização das expressões simbólicas primitivas permite a crescente integração de vivências cindidas com o self do leitor. Segundo Spitz (1998) self é o produto da consciência, ele é a consciência que o sujeito tem de que é uma entidade que sente e age separada e distinta dos objetos e do ambiente.

Segundo os autores Cintra e Figueiredo, (2004, p.58):

“Tanto nas comunicações com seus pacientes, como nas suas teorizações, Melanie Klein vai fundo e não teme a realidade dos processos psíquicos mesmo em suas dimensões mais bizarras e menos bem-comportadas. É como se ela estivesse nos ensinando – ou ajudando a rememorar - a linguagem primitiva por intermédio da qual podemos entrar em contato com a realidade mais profunda de um indivíduo e de nós mesmos, em um plano em que mente e corpo formam uma única e complexa unidade”.

O relato de um caso clínico de Klein ilustra essa situação:

“Peter, de cuja análise dei alguns detalhes, tinha objetado fortemente à minha interpretação de que o boneco-homem que ele havia derrubado da “cama” e que estava “morto e liquidado” representava seu pai. (A interpretação de desejos de morte contra uma pessoa amada suscita geralmente uma grande resistência em crianças, assim como em adultos). Na terceira sessão, Peter trouxe novamente material similar, mas agora aceitou minha interpretação e disse pensativamente: “E se eu fosse um pai e alguém quisesse jogar-me no chão detrás da cama e me matar e liquidar, o que eu pensaria disto?” Isso mostra que ele havia elaborado, compreendido e aceito minha interpretação, mas que tinha também reconhecido muito mais. Ele compreendeu que seus próprios sentimentos agressivos dirigidos ao pai contribuíam para ter medo dele, e também que ele havia projetado seus próprios impulsos no pai (Klein, 1991, p.160).

A leitura do relato acima faz com que o próprio leitor experiencie relações com seus símbolos relacionados ao desejo de morte de uma pessoa amada. Como símbolos podem comunicar livremente o próprio afeto hostil do leitor contra uma pessoa amada e nesta via podem ser integradas em seu self.

De acordo com Cintra e Figueiredo (2004):

“Melanie Klein possuía um talento inquestionável para dar corpo, tornando-os vivenciáveis e nomeando-os aos aspectos mais arcaicos da fantasia. Essa é a sua maior contribuição ao leitor interessado em psicanálise: o entrar em contato com a

estranheza das formações do inconsciente, que desafiam todas as medidas de bom senso” (CINTRA & FIGUEIREDO, 2004 p.56).

Freud e Klein imprimem a particularidade de seus estilos de escrita aos indivíduos que contribuem com a revisão e a expansão de suas teorias. Mas com Groddeck a condição da escrita é diferenciada: em muitas ocasiões, Groddeck faz um relato autobiográfico das associações sobre o seu próprio adoecer, ou apresenta suas comunicações como se fossem um diálogo entre pessoas distintas que mantém o leitor como observador da história que segue narrada por ele; o leitor é um terceiro.

No livro “Estudos Psicanalíticos sobre Psicossomática” Groddeck (1991a) utiliza o relato autobiográfico de suas associações. Toma-se, por exemplo, o capítulo “Condicionamento psíquico e tratamento de moléstias orgânicas pela psicanálise”, onde Groddeck relata a percepção analítica sobre seu processo de adoecimento:

“Pela manhã, comecei analisar meu sonho e o sintoma da dificuldade de deglutição e cheguei ao resultado de que meu inconsciente, meu Isso se recusava a engolir algo que não lhe agradava. Isso estava ligado ao fato de que certas idéias sobre a interpretação do inconsciente do homem e sua vida não são da minha autoria conforme acreditei por vários anos, mas sim de Sigmund Freud. Por certo minha razão consciente já havia chegado a tal conclusão, o que se manifesta em minha correspondência com Freud. Durante a análise ficou comprovado que profundas camadas do meu ser se defendiam contra os pensamentos inconscientes” (GRODDECK, 1991a p.09).

Em outra passagem de Estudos Psicanalíticos sobre Psicossomática, Groddeck continua o relato autobiográfico:

“Com um ferimento no joelho aparentemente inofensivo (mas que ao fazer uma retrospectiva, vejo que dele derivou uma fraqueza e suscetibilidade nunca superadas na minha perna esquerda, a perna do lado mau) teve início a transformação do meu ser físico, acompanhada de uma mudança de caráter, que passou de extrovertido a introvertido. O ferimento representava um obstáculo às precipitações, uma pressão a ser cauteloso. Posteriormente, no transcurso de minha vida, aparecem manifestações de ciática e gota com deformação nas articulações, que me impediam de andar. Nos últimos anos, registrei uma melhoria considerável, e posso afirmar que recorri apenas a auto análise, que não só levou as dores a desaparecerem, como fez com que os dedos do pé, bastante deformados e voltados para os lados, recuperassem sua posição normal” (GRODDECK, 1991a, p.16).

A auto análise parece ter uma limitação não observada por Groddeck. Esta limitação se refere ao fato de que “a consciência está ocupada pela representação de um terceiro personagem (...) cuja presença na consciência reflexionante é ocasião para que se atualizem impulsos inconscientes, impulsos que interferem na formação do pensamento consciente” (MEZAN, 1998 p. 171).

Entretanto não se deve desprezar que as articulações de palavras em formulações discursivas mobilize ambiências nos leitores. As ambiências são mobilizações de cadeias associativas que emergem quando “o analista provê as palavras para os sentimentos que ainda não foram verbalizados” (SEGAL, 1998 p.74).

Haber et al. (1988, p. 216) destacam o esforço dos autores de “por em palavras, às vezes pela primeira vez, emoções, sentimentos, associações livres, todo um mundo de fantasias, que não é de fácil acesso a nossa consciência”.

Em “O Homem e seu Isso”, há um capítulo denominado Memórias. Novamente, a referência às singularidades do autor são expressas como disparadores da formação de ambiências:

“Quem escreve um livro quer transmitir ao público o melhor que possui. Desde que envelheci, não posso encontrar nada melhor do que os acontecimentos da minha vida, como estes me vem exatamente a idéia e como se reúnem, hoje de um jeito, amanhã de outro, em algumas imagens (GRODDECK, 1994 p.267)”.

As imagens descritas por Groddeck são formações discursivas que prestam-se a expressão do Eu, da compreensão que o sujeito tem de si. Tal compreensão pode ser atingida com o contato com elementos latentes da historização do corpo. Vivenciar a experiência de historização do corpo propicia o contato com o corpo que fala, conforme expressa por Aulagnier (2002, p.115): “O Eu não pode existir a não ser que se torne seu próprio biógrafo, e na sua biografia ele deverá possibilitar os discursos por meio das quais ele fala e faz com que seu próprio corpo fale”.

Groddeck proporciona com sua técnica de escrita, uma experiência analítica a partir de um corpo que fala. A leitura do capítulo Recalcar e Curar do livro “O homem e seu isso (1994)” expõe o leitor as confidências de Patrik Troll e uma amiga. O leitor torna-se um terceiro elemento na leitura pensando ora nas cadeias associativas produzidas pelo autor, ora deparando-se com suas associações singulares. O leitor é um terceiro afetado pelo diálogo apresentado por Groddeck.

Tal modo de constituição do citado capítulo de O homem e seu isso (1994) é encontrado em O livro d'Isso (1991b) e se aproxima da concepção de Ogden (1996) do terceiro analítico apresentado a seguir: “Um terceiro sujeito é criado na experiência de ler. Sujeito este não redutível ao escritor nem ao leitor. A criação de um terceiro sujeito é a essência da experiência de ler” (OGDEN, 1996 p.01).

Ogden ainda ressalta que;

“o leitor, precisa permitir que eu o ocupe - seus pensamentos, sua mente, já que não tenho outra voz para falar a não ser a sua..., dar-se o direito de pensar meus pensamentos, assim nenhum de nós será capaz de reivindicar o pensamento como sua criação exclusiva” (OGDEN, 1996 p.01).

Com a constituição do terceiro analítico a leitura da obra de Groddeck propõe ao leitor uma experiência analítica da forma abaixo apresentada por Ogden:

“O terceiro analítico não é apenas uma forma de experiência de que participam o analista e analisando, é ao mesmo tempo uma forma de vivenciar a eu-dade (uma forma de subjetividade), na qual (por meio da qual) analista e analisando se tornam outros do que foram até aquele momento” (OGDEN, 1996 p.04).

Ao observar modelos de psicoterapia breve verifica-se que a postura do terapeuta permite ou limita a vivência da eu-dade possibilitada pelo terceiro analítico, conforme ilustrado pelo quadro abaixo:

Quadro Sinótico

	Psicanálise	F. Alexander	K. Lewin	P. Sifneos
SETTING: <i>Espaço</i>	divã-poltrona	divã ou face a face não definido	face a face	face a face
<i>Tempo</i>	não limitado	variável	não definido	limitado, não definido
<i>Frequência</i>	reg. (3-5)		regular	regular (1)
TÉCNICA: <i>Atitude</i>	neutralidade	“flexível”	pedagógico- sugestiva ativo	“pedagógica”
<i>Atividade – Passividade “Escuta”</i>	“passivo” todas as associações	ativo variável	foco pré-estabelecido (masoquismo básico)	muito ativo foco edipiano
Fonte: Gilliéron (1986 p.33)				

Nas perspectivas da ação ativa do terapeuta considerado por Alexander, Lewin e Sifneos o analisando experiência o posicionamento de seu terapeuta de modo ativo. Tal escolha técnica limita até mesmo características da escuta que se centram em focos. De tal modo, a conduta ativa do terapeuta limita sua tomada como objeto manipulado pelo paciente, o que proporciona prejuízos as vivências de eu-dade.

Tais vivências permitiriam a expressão de uma pluralidade dos tempos psíquicos representados por distintas apresentações da memória: “aquela da fantasia, memória daquilo que nunca foi (...) aquela da verdade, memória daquilo que foi fortemente sentido, por ser suficientemente elaborado, e memória daquilo que não foi profundamente vivido para se deixar esquecer” (KÄES, 2005 p. 176).

No contato com “as memórias” (KÄES, 2005) a noção do terceiro analítico permite o processo de alocação do passado numa experiência de ressignificação. Essa experiência que emerge no setting psicoterapêutico pode ser vivenciada em alguma medida quando o terceiro analítico é materializado na leitura da obra groddekiana. Não é aqui esquecido o enfático apontamento de Mezan (1998) de que a auto análise não é possível, pois, sem a figura do analista a onipotência do analisando não encontraria barramentos.

Por outro lado, propõe-se que o contato com a pluralidade de sentidos despertados pelo discurso de Groddeck fomente a expressão de elementos singulares ainda não apreendidos pelo seu leitor. Isto se estabeleceria como destaca Groddeck (2001, p.26) pois: “É da índole da linguagem ser imprecisa.

A “imprecisão da linguagem” Groddeck (2001) emerge na tentativa de apresentar informações discursivas que se empenham em comunicar alguns sentidos. O leitor não se posiciona passivamente frente as comunicações de Groddeck; o leitor produz um terceiro, a partir de suas ações recaladoras.

Groddeck (2001, p.228) afirma que “mediante a ação recaladora do humano e nosso ambiente humanizado (educação e outras coisas), somos forçados a fantasiar acerca do real. Dessa forma o autor afirma que o “Isso muda o X desconhecido do real, influi nas coisas e transforma o real no verdadeiro [wirklich]. Obra e objeto não são a mesma coisa” (GRODDECK, 2001 p.228).

Na diferenciação entre obra e objeto, o leitor de Groddeck experencia a eu-dade e nesse movimento referencia a formação do analista como um explorador de sentidos para a obra de cada humano. Como afirma Groddeck (1991a, p.299) “é aconselhável apenas sugerir e não esgotar, pelo menos esse é o caminho da minha vocação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da obra de Groddeck não propõe ao leitor um mergulho em seu passado, mas sim a produção de sentidos em relação ao passado. De qualquer forma a concepção de Groddeck sobre o processo de adoecer é compreendida da seguinte forma: “o inconsciente utiliza a doença e distúrbios orgânicos - na representação mímica dos recalques, do mesmo modo que lança mão das convulsões histéricas ou qualquer outro sintoma neurótico” (1991a p.79).

Seu leitor, exposto a proposição mímica do recalque pode encontrar um modo de expressão do adoecimento que pode estar vinculado a história de seu próprio corpo. No mergulho em sua história, o leitor assevera o contato com seus afetos recalcados; cria-se um campo transferencial. Tal campo produz algo distinto do que é o texto de Groddeck e a consciência do leitor: amplia a capacidade de experimentar associações sugestivas da própria realidade psíquica. Com a experiência transferencial do terceiro analítico, Groddeck fomenta um instrumental associativo sediado em seu leitor. Assim, para a “palavra isolada” e “desvalorizada”, oferece-se ainda a possibilidade de refugiar-se na frase carregada de sentido “(GRODDECK, 2001 p.15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. Nascimento de um corpo, origem de uma história. In: MCDOUGALL, J; GACHELIN, G; AULAGNIER, P; MARTY, P; LORIOD, J; CAIN, J. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (p.213-266).

CASTRO, M. G.; ANDRADE, T.M.R.; MULLER, M.C.; Conceito mente e corpo através da história, *Psicologia em Estudo*, v.11, n.1, p.39-43, 2006.

CAIN, J. Contratransferência e psicossomática. In: MCDOUGALL, J; GACHELIN, G; AULAGNIER, P; MARTY, P; LORIOD, J; CAIN, J. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (p.213-266)

CINTRA, E.M. U; FIGUEIREDO, L.C. *Melanie Klein estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.

FONTES NETO, P.T.L.F. et al. A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v.28, n.1, 78-82, 2006.

FREUD, S. *O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e Outros Trabalhos (1911-1913)*. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Volume XII: Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- GILLIÉRON, E. *As psicoterapias breves*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- GRODDECK, G., *Estudos Psicanalíticos sobre Psicossomática*, São Paulo: Perspectiva, 1991a.
- _____. *O Livro D'isso*. São Paulo: Perspectiva, 1991b.
- _____. *O Homem e seu Isso*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. *Escritos Psicanalíticos sobre literatura e arte*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- HABER, B. P. et al. A parte das tradutoras. In: PETOT, J.M. *Melanie Klein II*. São Paulo: Perspectiva, 1988. (p.215-218)
- KÄES, R. *Espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KLEIN, M.; *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LEITE, A.C.C. et al. O menino e o efeito pirilampo. Um estudo em psicossomática. *Ágora*, v.6 n.1, p.99-114, 2003.
- MARTY, P; LORIOD, J. Funcionamento mental e funcionamento somático. In: MCDOUGALL, J; GACHELIN, G; AULAGNIER, P; MARTY, P; LORIOD, J; CAIN, J. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (p.151-211).
- McDOUGALL, J. Um corpo para dois. In: MCDOUGALL, J; GACHELIN, G; AULAGNIER, P; MARTY, P; LORIOD, J; CAIN, J. *Corpo e história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (p.09-46)
- MEZAN, R. *A vingança da esfinge: ensaios de Psicanálise*. São Paulo: Braziliense, 1988.
- OGDEN. T. *Os Sujeitos da Psicanálise*. Casa do Psicólogo: São Paulo, 1996.
- PERES, R.S.; O corpo na psicanálise contemporânea: sobre as concepções psicossomáticas de Pierre Maty e Joyce McDougall; *Psicologia Clínica*, v.18 n.1, p. 165-177, 2006.
- SEGAL, H.; *Psicanálise, Literatura e Guerra*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. Notas sobre a formação de símbolos. In SPILLUS, E. B. *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica. Artigos predominantemente teóricos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.v.1
- SPITZ, R.A.; *O não e o sim: A gênese da comunicação humana*. 3 ° São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VOLICH, R.M. *Psicossomática: de Hipócrates à psicanálise*. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2000.